



## **POLÍTICAS DE PESQUISA E EDITORAÇÃO NA VISÃO DE WALTER GARCIA**

O Conselho Editorial da Revista Educação em Questão elaborou as questões e enviou ao Prof. Walter Garcia por e-mail. Atualmente, exerce o cargo de Diretor do Instituto Paulo Freire. Participante do Grupo que vem avaliando os Periódicos Brasileiros de Educação. Da sua autoria destaca-se a recente publicação Educadores Brasileiros do Século XX, v.1.

### **1 . Como analisa a política de pesquisa de pós-graduação e de editoração na área de ciências humanas e sociais?**

**WG.** Creio que esta questão poderia ser desdobrada em duas respostas. Pelo fato de não me sentir em condições de falar sobre uma área tão extensa quanto a de Humanas e Sociais, vou limitar minhas observações à área de Educação, especificamente naquilo que toca à área de apoio a periódicos. Creio que o setor educativo vem sofrendo, como todas as outras áreas de conhecimento, com os cortes e ajustes em curso nas agências de financiamento, especialmente a partir da década de 90. Com financiamentos instáveis, especialmente para a pesquisa, a área educativa não pode contar com quadros estáveis que ajudem a formar novos pesquisadores que se dediquem integralmente à busca do conhecimento novo. O aparecimento da GED, nas universidades federais, praticamente obriga o professor a se transformar num docente/pesquisador, sem contar as demais atividades daí decorrentes. O apoio editorial para os periódicos da área também se ressentiu de recursos com continuidade. O antigo programa desenvolvido em conjunto pela Finep e pelo Cnpq agora só está a cargo do Cnpq. Creio que esta agência vem fazendo um esforço de manter o apoio àqueles periódicos que preenchem determinados requisitos. Espero que não desapareça tão cedo. Outras iniciativas como as do INEP, no âmbito do Comitê de Apoio aos Produtores de Informação Educacional ( Comped) , do IBICT e da Capes podem se tornar interessantes caso possam sobreviver aos abalos periódicos que ocorrem na administração pública federal.



## **2. Quais as perspectivas da política educacional na era tecnológica?**

**WG.** Caso analisemos as perspectivas do que se pensa nos países de primeiro mundo, por exemplo, percebemos que todos estão preocupados em ampliar e melhorar o padrão educacional neste próximo milênio, seja ampliando funções, seja redefinindo padrões de formação, como indicam o Relatório Delors e outros documentos, como o texto de Edgar Morin, entre outros. No caso do Brasil, ainda estamos correndo para atender a padrões que os países da Europa já alcançaram há quase cem anos, como o de universalização da educação básica, a ampliação de oportunidades de acesso à Universidade, a profissionalização do professor, etc. Com o agravamento dos problemas sociais no país, vejo com pessimismo a associação entre Educação e Assistência Social, pretendendo, com isso, fazer da atividade educativa a muleta da falta de emprego, de renda, de saúde, etc. Certamente a educação sai perdendo, como está indicado nos "rankings" constrangedores que vemos estampados nos jornais de nosso país.

## **3. Como vê as políticas de formação de professores, frente à oferta de cursos públicos, principalmente privados ?**

**WG.** Creio que uma política de formação jamais poderia estar desatrelada do exercício profissional. Aliás, neste último aspecto, praticamente não existe nada em nível nacional. O FUNDEF melhorou o piso salarial para professores de certas regiões do país que praticamente nem assalariados eram. Isto, no entanto, não garante que teremos melhorias na oferta educativa. Trezentos e setenta reais garantem, efetivamente, a existência de um profissional inteiramente dedicado à sua escola, aos seus alunos? Creio que seguimos às cegas com respeito ao exercício profissional. O mesmo ocorre com as propostas de formação. Estão sendo propostos padrões diferenciados de formação, o que, em princípio, é interessante dada a diversidade cultural e educacional do país. No entanto, dada a falta de investimentos públicos no ensino superior, muitos – entre os quais me incluo – entendem que estamos criando um facilitário pedagógico para grupos privados, de seriedade discutível, em termos de oferta de cursos de formação docente. A imprensa registra os abusos, e os pais e os alunos, como sempre, vão continuar pagando pela condescendência com que as autoridades educacionais tratam os aventureiros que existem em nossa seara.



#### **4. Qual o papel dos periódicos científicos na divulgação da pesquisa educacional no Brasil ?**

**WG.** Creio fundamental o papel desempenhado pelos periódicos brasileiros neste processo de disseminação da informação educacional. No trabalho que vimos realizando há mais de 10 anos, nestes últimos anos com a participação da ANPED, podemos constatar uma ampliação do número de periódicos, sua diversificação temática e, o que é importante, a melhoria acentuada dos padrões de qualidade. Graças aos periódicos e aos processos de inserção dos educadores em outras mídias – rádio, jornal, televisão, internet – a população vai tomando consciência cada vez mais clara da importância da Educação como política pública relevante. É fato alentador nesta direção a constatação do último levantamento realizado em 98 de que os periódicos de divulgação são os que mais estão se expandindo no mercado editorial, atingindo não apenas professores mas também pais, empresários, sindicatos, associações profissionais, formando redes de comunicação que veiculam o pensamento de especialistas e pesquisadores em locais até há pouco tempo inimaginados.

#### **5. Diante da sua longa experiência em educação, qual o seu sentimento acerca das contribuições da educação para o desenvolvimento da sociedade brasileira?**

**WG.** Creio que, apesar de tudo, temos de manter a esperança. Em entrevista que li há algum tempo, um economista, defensor das maravilhas do governo FHC, apresentava como expectativa otimista o fato de que, nos próximos 10 anos o nosso ensino básico estaria no mesmo nível do Panamá. Para quem se contenta com pouco, pode ser uma conquista. Considero que nosso desempenho educativo corresponde exatamente à visão que nossas elites têm do país e da população em geral. Estão preocupadas consigo mesmas, com acumulação de fortunas a qualquer preço, o que explica o fracasso das políticas sociais em geral, de emprego, renda, etc. Apesar de tudo, a educação segue sendo a política fundamental – sem a qual nenhuma outra vai adiante. Creio que o processo de envolvimento dos educadores na definição das políticas educativas ao longo dos últimos anos – com apoio de sindicatos, associações comunitárias, etc., significa que os grupos de vanguarda já perceberam a importância estratégica da educação para a construção de um país mais justo e democrático para todos. Devemos continuar apostando nisso e seguir como cidadãos e como profissionais da educação.



## NOTAS

Jacques Delors, ex-ministro de Finanças da França e diretor da OECD -Organização Econômica da Comunidade Européia foi solicitado a coordenar, no início dos anos 90, um relatório sobre os rumos da educação no século XXI. Ouvia autoridades e educadores de várias partes do mundo, e o Relatório elaborado concluiu que a educação deveria centrar-se em 4 grandes funções: aprender a conhecer (escolarização), aprender a fazer (preparação para o trabalho), aprender a ser (cada qual com sua individualidade e sua maneira de ser) e aprender a conviver (com as diferenças, com as desigualdades, etc.).

Edgar Morin, educador francês que, ouvindo vários experts em educação e ciências afins, escreveu um livro denominado Os sete saberes necessários à educação do futuro (Corte\Unesco-2001), no qual defende que a educação do século XXI deve abrir-se para outras dimensões - como as incertezas, o erro, a condição humana, entre outras, para preparar melhor as crianças e os adolescentes a enfrentar os novos desafios que os esperam.